

**NEGRINHA E A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA:
Uma análise acerca da identidade étnico-racial na Literatura Brasileira**

*NEGRINHA E A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA:
An analysis of ethnic-racial identity in Brazilian Literature*

Adriana Alves Barbosa Gomes¹  
Milene Medeiros de Oliveira²  
Rosemeire Marcondes Schwartz³  
Maria Do Rosário Soares Lima⁴  

Recebido: 23/05/2022

Aprovado: 28/06/2022

RESUMO: O presente artigo apresenta uma análise acerca da identidade étnico-racial na literatura brasileira à luz de duas obras literárias, sendo a *Negrinha* de Monteiro Lobato e a *Menina Bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado. Mesmo sendo considerados contos na categoria infantil e infanto-juvenil são obras de grandes reflexões para todas as idades, no permeio de suas escritas e ilustrações é possível interpretar e refletir vários vieses que as obras em questão nos transmitem. Buscamos fundamentar-se na possibilidade que a literatura tem para desnudar as mazelas sociais e consequentemente a contribuição para a formação do homem, tais como a ilustração narrativa sobre a escravidão e a literatura afro-brasileira e sua respectiva importância no cenário brasileiro. Expor uma análise comparativa nas obras apresentadas tem como intenção demonstrar a representação do negro, e suas características e a posição social nos quais são relatados em épocas distintas e em abordagens diferentes.

Palavras-chave. Identidade. Relações Étnico-raciais. Literatura Brasileira.

ABSTRACT: This article presents an analysis about the ethnic-racial identity in Brazilian literature in the light of two literary works, being *Negrinha* by Monteiro Lobato and *Menina Bonita do lace of ribbon* by Ana Maria Machado. Even though they are considered short stories in the children's and juvenile category, they are works of great reflection for all ages, in the midst of their writings and illustrations it is possible to interpret and reflect various biases that

¹ Mestranda em Linguística (UNEMAT). Professora na EEMT Sd Pm Antonio Eustáquio de Paula (SEDUC/MT). E-mail: adrianaalvesbarbosagomes@gmail.com

² Professora na Escola Estadual Militar Tiradentes SD PM Antonio Eutaquio de Paula (SEDUC/MT). E-mail: milene.oliveira@edu.mt.gov.br

³ Mestranda em Linguística (UNEMAT). E-mail: rosemeire.marcondes@unemat.br

⁴ Mestra em História (UNEMAT). Professora na Escola Estadual Militar Tiradentes SD PM Antonio Eutaquio de Paula (SEDUC/MT). E-mail: lima.maria@unemat.br

the works in question convey to us. We seek to base ourselves on the possibility that literature has to lay bare social ills and consequently the contribution to the formation of man, such as the narrative illustration about slavery and Afro-Brazilian literature and their respective importance in the Brazilian scenario. Exposing a comparative analysis in the works presented is intended to demonstrate the representation of black people, their characteristics and the social position in which they are reported at different times and in different approaches.

Key words. Identity. Ethnic-Racial Relations. Brazilian literature.

1 INTRODUÇÃO

Considerando o desenvolvimento que ocorreu na sociedade brasileira desde a época da escravidão até o atual momento, podemos dizer que houve grandes marcos históricos, que foram resultado de muita luta e perseverança. Muitas obras relatam acontecimentos que geram indignação em saber que o negro em nosso país já passou por tantas discriminações, e ainda lamentavelmente essas questões nos fazem perceber que ainda é possível nos depararmos com atos preconceituosos em pleno século XXI. A literatura, como afirma Candido (2006), é uma fantasia que quase nunca é pura, pois se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sofrimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, e nas obras que iremos desenvolver as análises partimos desses problemas sociais que são expostos e desnudados pelo texto literário.

Acreditamos que a literatura é de grande valia e indispensável para aderirmos conhecimentos e proporcionar-nos reflexões. A literatura infantil e infanto-juvenil pode ocupar um lugar fundamental para promover discussões antirracistas, pois trazem discussões no meio infantil, possibilitando uma ruptura cada vez maior em questões de preconceito, sendo trabalhados assuntos que contribuem para a valorização das características naturais individuais.

O texto estrutura-se da seguinte maneira, na primeira seção em discutir e fundamentar a literatura e a contribuição para a formação do homem, tendo como principal referencial teórico as obras de Antônio Candido, autor que defende a literatura como um reflexo da vida cotidiana das pessoas, sendo o grito dos anseios e das realidades, carregado de histórias; fantasia e realidade conectadas, sem desprendimento, já que os sonhos carregam as marcas do sonhador.

Na segunda seção o leitor irá acompanhar as análises realizadas, para melhor compreender o processo histórico da escravidão e literatura afro-brasileira, perpassando pela história da escolarização do negro no Brasil, fator intimamente ligado à visibilidade e desenvolvimento da literatura afro-brasileira.

Na seção três foi feita uma análise comparativa da identidade ético-racial das personagens principais das narrativas a *Negrinha* de Monteiro Lobato e a *Menina Bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado, convidando o leitor a mergulhar nesse texto e refletir sobre a condição humana na perspectiva que funde a realidade e a fantasia.

2 A LITERATURA E A FORMAÇÃO DO HOMEM

Para discorrermos sobre Literatura e a Formação do homem, começaremos conceituando literatura. Colosio e Paradiso (2015) trazem uma conceituação importante sobre a mesma:

Na área de Teoria Literária, “literatura” não é um termo definido, e sim, conceituado, onde existem teorias que defendem a literatura sobre vieses distintos. No entendimento de Pound (2006) “Literatura é a linguagem carregada de significado” é a “(...) novidade que PERMANECE novidade”. Já na concepção de Eagleton (2001, p.1), literatura é a “escrita “imaginativa”” e segundo Figueiredo (MOISÉS, 1984, p. 33): "Arte literária é verdadeiramente, a ficção, a criação duma supra-realidade com os dados profundos, singulares e pessoais da intuição do artista", (COLOSIO, PARADISO, 2015, p. 01).

Destacamos que não distante do entendimento anterior encontramos Candido (1989), que chamou de literatura tudo aquilo que tem toque poético, ficcional ou dramático nos mais distintos níveis de uma sociedade, em todas as culturas, desde o folclore, a lenda, as anedotas e até as formas complexas de produção escritas das grandes civilizações. Neste texto, conceituamos literatura pelo entendimento desse grande autor, cujo as obras servirão de referencial teórico ao longo de todo o texto.

No período do Romantismo, o Brasil teve o que se chamou de “emancipação literária”, se “libertando” por assim dizer, da literatura portuguesa. Aquela literatura de espírito nacionalista e nativista passando por uma transformação, com obras que se tornaram verdadeiras críticas à sociedade e suas concepções.

Desse modo, se tivermos por referência o primeiro momento desse processo, nossa emancipação literária só se torna reconhecida por parte de Portugal cerca de quarenta anos após a independência; se contudo, a referência for o segundo momento mencionado, então isso só terá ocorrido em torno de cento e cinquenta anos depois do grito do Ipiranga. [...] faz apenas mais ou menos cinquenta anos que o Brasil dispõe de uma literatura nacional específica reconhecida pela nossa antiga metrópole, (SOUZA, 2006, p.12).

Podemos dizer que ao se emancipar da literatura portuguesa, o Brasil firma sua identidade literária nacional e também sua consciência nacional. Isso demonstra a importância das obras literárias, pois, nem mesmo o processo truculento e invasivo da colonização do Brasil foi capaz de sufocar sua identidade, depois reconhecida por Portugal e conseqüentemente pelo mundo.

Com relação a função da literatura, atualmente, podemos citar Antônio Candido (1972), que afirma que a principal função da literatura diz respeito ao seu caráter humanizador: exprime o homem e depois atua na sua própria formação. Para ele há três perspectivas básicas sobre o valor e função da literatura: a) A capacidade que a literatura tem de atender à nossa imensa necessidade de ficção e fantasia, e com isso a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. b) Sua natureza essencialmente formativa, que afeta o consciente e o inconsciente dos leitores de maneira bastante complexa e dialética, como a própria vida, em oposição ao caráter pedagógico e doutrinador de outros textos.

Podemos afirmar a partir de tal reflexão que a literatura forma, não segundo interesses de grupos dominantes, reforçando suas crenças e concepções, mas ela traz em si o que Candido chama de “o bem e o mal” de uma forma livre, humanizando no sentido profundo, por que faz viver. Traz em si realidades vividas ou criadas que se relacionam com a história do próprio leitor, criando conexões únicas com esse sujeito. c) Seu potencial de oferecer ao leitor um conhecimento profundo do mundo, tal qual faz, por outro caminho, a ciência. Além de a obra literária ser uma forma de conhecimento, uma forma de expressão e uma construção formal artística, ela significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele.

Em “O direito à literatura”, Candido (1995) reafirma a ideia de que a literatura tem como função principal a humanização do homem.

Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, apercepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p.249).

Concordamos com o autor, pois, entendemos que o ser humano ao se utilizar da literatura, fá-lo em um tempo e um espaço, partindo de um interesse e/ou necessidade, o que faz com que a assimilação e absorção alcance pontos inimagináveis, dado a conexão entre obra, autor e leitor, que se torna experiência única para o sujeito leitor, potencialmente transformador. Sobre essa reflexão ainda podemos citar Cândido:

Significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele, (CANDIDO, 1972, p. 806).

Importante destacar que para Candido (1988), em sua obra ele traz a função da literatura, nas três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. Ainda dispõe que essas faces estão interligadas, mesmo que alguns entendam o contrário, pois, é nessa interligação que mora a compreensão do texto, do qual o leitor absorve para a vida.

A literatura forma integralmente a pessoa, permitindo que o sujeito viva sua subjetividade integrada à vida prática, cumprindo assim uma função social importante através da base cultural. O sujeito “abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que a vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo.” (ZILBERMAN, 1999, p. 2).

Dada à complexidade funcional da literatura, não podemos deixá-la relegada a um título de “simples instrumento de aperfeiçoamento linguístico”, ela não possui somente um estilo,

uma estrutura, mas como já subentendido no decorrer do texto, ela forma o espírito, atinge a alma fazendo com que as ações do homem, que é colocado diante dela, estejam impregnadas de toda riqueza ali disposta.

Vale destacar que a literatura precisa ser cada vez mais apreciada como a voz da sociedade emergida em um povo, em um tempo cronológico, em um espaço único, cheia de estilo, necessidades, relevâncias e poder.

3 A ESCRAVIDÃO E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

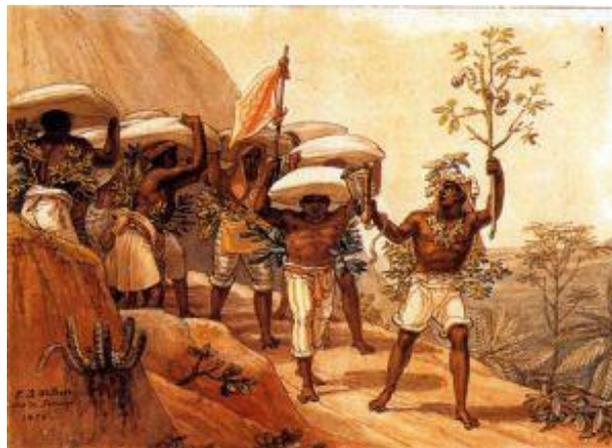
No Brasil a escravidão foi caracterizada pela exploração de negros africanos trazidos a este território pelos europeus, sendo estes os colonizadores da época. A mão de obra escrava foi direcionada aos trabalhos braçais, sem remunerações e nenhum tipo de direitos trabalhistas a não ser servir a considerada elite do período escravista, as pessoas escravizadas do sexo masculino foram utilizados, principalmente, para serviços agrícolas e as mulheres, aos trabalhos domésticos com supervisões e castigos. E em troca recebiam alimentos e um abrigo, em muitos casos considerado de piores condições. Abaixo apresentamos duas imagens que ilustram um pouco do período escravista.

Figura 1-“Uma senhora de algumas posses em sua casa”, aquarela sobre papel, 16,2 x 23 cm, JeanBaptiste Debret, Rio de Janeiro, 1823.4



Na figura 1 podemos notar as mulheres negras servindo as brancas e seus filhos pela casa sem vestimentas apropriadas. Desde crianças, os filhos das pessoas escravizadas já tinham seus destinos traçados nas senzalas e tinham que conviver com a realidade de preconceito aos quais eram submetidos.

Figura 2-Comboio de café seguindo para a cidade DEBRET, 1827



Na figura 2 notamos homens escravizados exercendo atividades braçais no campo. Com poucas vestes, ficavam expostos às diversas situações climáticas.

Henri Moniote (1976), se referindo ao eurocentrismo do século XX, tece considerações sobre a tendência, que perdurou durante muito tempo, de excluir os povos não-europeus das narrativas do campo histórico. Tal exclusão foi justificada por uma ideia da inexistência de fatos notáveis nas sociedades não-europeias, antes do contato com os brancos. Para o autor, essa ideia “esterilizava os germes da curiosidade histórica, privada de objetos pela evidência prévia” (Moniote, 1976, p. 99).

Nota-se que a cultura europeia fez muito para suplantar a história dos povos escravizados, por eles, minimizando sua história e suas vidas.

Segundo CRUZ (2005), o Brasil, há poucos registros de escolarização do negro anterior a 1960:

Porém, observando-se a bibliografia nesta área, teremos a nítida impressão da inexistência de experiências escolares dos negros em período anterior à década de 1960, quando a rede pública de ensino sofre vasta expansão do número de vagas. Mas, se isso é verídico, como explicar a intervenção dos negros na sociedade brasileira nos primeiros anos da República, através das organizações negras (...) (CRUZ, 2005, p. 21).

Perguntas surgem nesse processo, como por exemplo, o motivo da suplantação da história de escolarização dos negros nos registros da história da educação brasileira. CRUZ (2005) chega a afirmar que essas fontes históricas foram destruídas ao longo do processo de dominação.

A problemática da carência de abordagens históricas sobre as trajetórias educacionais dos negros no Brasil revela que não são os povos que não

têm história, mas há os povos cujas fontes históricas, ao invés de serem conservadas, foram destruídas nos processos de dominação (CRUZ, 2005, p. 23).

A partir de 1970, os negros passam a ganhar um pouco mais de espaço nas Universidades brasileiras, sendo que em 1978 eles já discutiam o desenvolvimento de pesquisa com a temática negra e educação, e a partir de então, o interesse por estudos de relevância para o negro ganhou cada vez mais destaque e adeptos.

Depois de muitas lutas, em 2003 foi aprovada a Lei 10.639/03, a qual torna obrigatória a inclusão no currículo escolar a história e cultura afro-brasileira. Isto foi uma grande conquista, pois abriu possibilidade de grande visibilidade para a população negra. As escolas passaram a ser fomentadas com materiais da cultura negra, entre eles diversos livros infantis, tais como os analisados nesse texto. As formas de abordagem da participação dos negros na história passaram por transformação e o negro passou a ser mais valorizado na sociedade, porém, vale ressaltar que ainda está longe do ideal.

Em 2016, a MP 746/2016 traz o que foi chamado por muitos de retrocesso, em relação as causas negras. Isso nos faz pensar que a fomentação da cultura negra pode ser deixada de lado novamente e a dívida histórica do Brasil com a população negra pode voltar a crescer.

4 NEGRINHA E A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITAS: uma análise comparativa da identidade ético-racial das personagens principais das narrativas.

Como ensina o crítico Antonio Candido (2006), o texto literário deve ser visto como resultado de uma experiência humana. Por isso, há necessidade de dois momentos na análise: um que vê a obra como objeto de conhecimento, o chamado momento analítico; e outro que deve questionar sobre a validade da obra e sua função humanizadora.

[...] há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana. Tendo assim demarcado os campos, vejamos alguma coisa sobre a literatura como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem (CANDIDO, 2006, p.82).

Corroborando com a teoria de Candido (2006) essa seção tem como objetivo traçar uma análise literária das duas obras citadas no parágrafo anterior. No primeiro momento busca compreender o conteúdo de representação dessas obras, e posterior houve a necessidade de “mergulhar” nas questões humanas abordadas nesses textos literários e se elas propiciam ao leitor o entrelugar, ou seja, questões que exprimem sobre o homem, e posteriormente contribuem para sua formação.

O conto *Negrinha* (1920), de Monteiro Lobato, traz uma representação do povo negro, em um determinado tempo em que se reafirma que nesse período no Brasil já havia “abolido” a escravatura, e acontecido a Proclamação da República. Destarte, as mazelas desse processo de transição ainda estavam muito acentuadas na organização dos povos.

Embora distantes três décadas dessa ruptura com a Proclamação da República e com a “extinção” da escravatura, o Brasil vivia efeitos dessa transição do processo de monarquia para a república e do trabalho escravo para o trabalho “livre”, em busca do entrelugar desse povo que por décadas sofreu esse processo desumano e exploratório.

A luz dos “olhos” de Monteiro Lobato, o mesmo recorre à literatura para ilustrar que esse preconceito racial ainda estava presente no cotidiano das pessoas. Nessa dinâmica de transformação em busca da modernidade, mas em grande parte continuava preso a atitudes que revelam o preconceito racial. Assim, como podemos ilustrar no trecho abaixo do conto:

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças (LOBATO, 2008, p.1).

Compreende-se que o olhar observador do autor, o qual denuncia esse tratamento que mesmo a história dizendo que havia sido abolido, as atitudes das pessoas, em especial da personagem dona Inácia, continuavam a tratar essa criança como um animal. E afirma-se que, nos dias de hoje, nem um animal é concebido ser tratado dessa maneira, ou seja, o preconceito racial na obra é revelado através das personagens expondo a mentalidade escravocrata que ainda persistia em tempos de abolição.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo

o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo...Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, [...] - não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam (LOBATO, 1920, p.1).

O conto nos chama atenção para a figura de dona Inácia, a mesma era uma senhora bem vista pela sociedade, vivia na igreja e seguia os preceitos religiosos. Porém longe dos olhos dos padres e das pessoas tratava a Negrinha de forma desumana e com adjetivos rudes. Há também a presença da figura de linguagem: ironia, quando se utiliza a palavra mimoseavam, pois o sentido da palavra foi utilizado de forma invertida. Isso acontece quando se diz alguma coisa com a intenção de dizer exatamente o contrário. Logo dona Inácia, “mulher de fê” é revestida de ações com Negrinha que podemos caracterizá-la com atitudes de crueldade, cinismo, hipocrisia.

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta (LOBATO, 1920, p.1).

Ao longo da narrativa vamos percebendo os castigos físicos que Negrinha recebia, herança do escravismo que persistia nessa sociedade do ano de 1920. Os maus tratos que muitas crianças negras sofreram e sofriam nas grandes casas diferentes do tratamento que recebiam as meninas louras, sobrinhas de dona Inácia.

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta... Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou: — Venha cá! Negrinha aproximou-se. (LOBATO, 2008, p.2).

Com relação ao tratamento com as meninas louras que são sobrinhas de dona Inácia é nítida a diferença no trato com ambas, e dona Inácia vai se autofirmando como uma pessoa que utiliza de uma falsa caridade, na qual ela usa a igreja para camuflar o seu lado ruim. Esse fragmento ilustra a mudança de comportamento no enredo:

Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo. Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”? Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral-sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre... E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava. — Ah, monsenhor! (LOBATO, 2008, p.2).

A leitura do conto nos dias atuais nos causa estranhamento, uma vez que atitudes como essas descritas no texto literário não são mais aceitas pela sociedade, por mais que elas acontecem corriqueiramente em vários setores da nossa sociedade com inúmeros homens, mulheres, crianças e jovens pretos do nosso país, nos causam revoltas, uma vez que se sabe que essa questão não se trata apenas de uma representação literária, mas sim de uma situação real.

Desse modo, podemos assegurar que o ato de brincar era algo alheio a Negrinha não fazia parte do seu cotidiano, isso se percebe pelo estranhamento da menina quando ela visualiza a boneca que as meninas trouxeram para a casa da tia.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã” ... Que dormia... Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial (LOBATO, 2008, p.3).

O trecho revela algo tão corriqueiro na vida das meninas louras, mas trouxe êxtase aos olhos da menina, a negrinha. E mesmo diante de todo medo que ela sentia de dona Inácia assim que ela sai da sala a menina vivencia um momento de encantamento, um contato com a boneca que a faz esquecer todo o seu passado de sofrimento, de exclusão e de restrição do que seria vivenciar a sua infância.

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relances de olhos para a porta. Fora de si, literalmente.... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena. Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se. (LOBATO, 1920, p. 3).

Esse contato com a boneca fez surgir na negrinha o desejo de viver, naquele momento sentiu que tinha alma e essa consciência de humana se foi com a partida das meninas, e conseqüentemente com a perda da boneca.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava! Assim foi — e essa consciência a matou. Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada. Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida. Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos. Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a. (LOBATO, 1920, p.4).

Esse acontecimento (o contato com a boneca) mexeu tanto com a menina que foi o ápice da sua vida ao mesmo momento que lhe trouxe avivamento e vontade de viver numa eclosão de sentimentos também foi responsável pelo seu fim. A negrinha já estava morta por dentro fazia muito tempo e dona Inácia sempre foi responsável por sua morte interior.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada. Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta. Mas, imóvel, sem rufar as asas. Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou... E tudo se esvaiu em trevas. Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados... (LOBATO, 1920, p.4).

O narrador relata que com a morte de negrinha ela deixou dois sentimentos: um sentimento cômico, pois as meninas louras acharam engraçado uma menina não conhecer uma boneca. Como uma criança não conheça uma boneca? Sendo que esse brinquedo é símbolo da infância das meninas. O que Monteiro revela nessa narrativa por nos causa um estranhamento. Mas isso aconteceu apenas na ficção? Quantas donas Inácias têm espalhadas mundo afora? E ainda a negrinha deixou nessa senhora um sentimento de saudade, saudade essa de não ter mais quem dona Inácia exteriorizar a podridão que fica escondido no ser humano disfarçado de cidadão do bem.

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas. — “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?” Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia. — “Como era boa para um cocre!...”. (LOBATO, 1920, p.4).

O conto reafirma todo o processo violento que sofreram os negros no Brasil, e como herança como os filhos dos escravos criados pelos senhores continuavam sendo escravizados, uma vez que essa menina no âmbito da narrativa sofre vários tipos de violência física e psicológica que leva a uma tristeza profunda e culmina em sua morte, pois ela se descobriu humana naquela vida cruel em que ela vivia. O autor ainda denuncia o preconceito racial e a exclusão mesmo diante do processo de libertação, uma libertação mascarada por uma sociedade que ainda continua em grande parte como discriminatória, e que jamais aceitou a igualdade entre brancos e negros, ou seja, uma liberdade revestida de uma mentira bem elaborada que ganhou vida nessa narrativa.

Na obra *Menina Bonita do laço* (1996), de Ana Maria Machado carrega também se trata de uma menina negra sendo um fator em comum com a obra *negrinha* de Monteiro Lobado, porém a menina esta como protagonista da narrativa, e vive outra realidade social. A autora enfatiza a beleza negra dessa menina e a coloca como referência de perfeição.

Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar (MACHADO, 1996, p.1).

Nessa obra a representação de brancura é a partir da figura de um coelho que deseja se transformar na cor da menina, e assim ele tenta descobrir de todas as maneiras como essa menina conseguiu ser tão pretinha. Na inocência do ser criança ela vai dando “receitas” de como o coelho conseguiria ficar pretinho.

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez. Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez: - Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina. O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi. Mas não ficou nada preto. - Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina. O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto. Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez: - Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha? (MACHADO, 1996, p.4-7).

O coelho na insistência de descobrir o segredo da menina continua persistindo em descobrir o seu segredo. Nesse momento a mãe entra na conversa e explica ao coelho sobre as heranças familiares que herdamos dos nossos pais, avós e se mesmo ele querendo ter a pele pretinha isso não seria possível, pois somos resultados dos nossos antepassados. Em um diálogo que valoriza a cor da pele, o respeito pelo o outro independentemente da cor da pele e da raça em que cada um faz parte.

De acordo com a possibilidade de crítica literária temos argumentos de estudiosos de que o livro fomenta o racismo, mas a leitura do texto nos propiciou um olhar de que a obra foi

e ainda é uma aliada na construção de uma sociedade que consiga respeitar as diferenças, e além do mais coloca a menina negra como protagonista do enredo numa relação de admiração e respeito que o coelho branco sente por ela.

E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha era que procurar uma coelha preta para casar. Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça. Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já se sabe a filha da tal menina bonita que morava na casa ao lado. E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava: - Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha? E ela respondia: - Conselhos da mãe da minha madrinha (MACHADO, 1996, p.13-15).

O desfecho da narrativa é explicado pela mãe da menina que faz com que o coelho compreenda que para ser pretinha como a menina que ele admirava era fundamental ter descendentes negros. E assim o coelho buscou casar com uma coelha pretinha, e dessa relação tiveram vários filhotes de todas as cores, inclusive a pretinha cor que ele tanto admirava e desejava ser.

A leitura comparada dessas duas obras entende-se como a literatura contribui para a formação do homem, pois ambas exprimem acerca do homem e depois atua na sua própria formação. E nesse paralelo entre a vida e a literatura, a literatura se apresenta como a vida, na medida em que ensina com toda a sua complexidade, contribui de forma que humaniza em sentido profundo, porque ela faz viver.

A convergência é fato de as duas obras abordarem as condições das meninas negras, porém há uma série de divergências que marcam a representação das características individuais de cada personagem. Na obra Negrinha, Lobato apresenta uma narrativa que revela inferioridade da pessoa negra, como sendo algo naturalizado para aquela época, enquanto que na Menina Bonita, a narrativa valoriza a beleza, colocando a cor negra como sendo um objeto de desejo.

Assim, podemos afirmar que existe mudanças visíveis, uma vez que os negros conquistaram através das lutas travadas no ceio dos movimentos sociais que demandam pela

identidade de um povo, tanto é que no ordenamento jurídico temos um aparato legal que normatiza a obrigatoriedade do respeito as pessoas negras.

Contudo, não podemos negar que ainda há na sociedade um preconceito muito forte com relação ao negro, mesmo que as vezes esse preconceito é revelado de forma “mascarada “. Enfim, o preconceito permanece tanto no cotidiano das situações reais como também nos enredos literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do estudo podemos compreender o processo da escravização a luz das análises das obras referenciadas, e como o negro era tratado ao longo dos tempos e em especial na década de 1990, e agora recentemente na atualidade. O problema da desigualdade social ainda perdura até os dias atuais, com recorte ao preconceito racial que ainda faz parte da nossa realidade, uma vez que de forma velada, mas persistente e que segrega as pessoas.

Dessa maneira a representação literária se entrelaça com a realidade, uma vez que os elementos da fantasia literária contribui para o entendimento das situações vivenciadas no cotidiano, ao mesmo tempo que a literatura se faz necessária a formação do homem.

As duas obras que relatamos em nosso artigo tem em comum a questão ético-racial, entretanto é representada de forma distintas, no conto a *Negrinha* notamos que a escravidão e o preconceito foram pertinentes para relatar a história de uma criança que sofria atrocidades pelo fato de ser pobre e negra. Já na obra *A menina bonita do laço de fita* destaca a beleza e as particularidades da menina negra, sendo admirada por um personagem branco o que gera um paradoxo em relação à escravidão e as atitudes racistas. O que torna ainda mais deslumbrante, pois, respeita e evidencia a beleza natural existente em cada pessoa.

A análise teve o intuito de provocar a inquietude no leitor e discutir assuntos dessa natureza faz com esses temas transcendam o mundo fantástico e venha para o seio do debate acadêmico e permeando as camadas sociais a fim de compreendermos o quanto avançamos como sociedade, e do quanto precisamos e podemos avançar para abolir as práticas racistas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LEI 10.639/03**. Disponível em: [L 10.639 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br/leis/10639-03.htm). Acesso em: 13 de Abr. 2022.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem. Ciência e cultura**. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set.1972.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 35-74 (Pedagogia e Educação).

COLOSIO, Luana Alves. PARADISO, Silvio Ruiz. **Do homem para o homem: humanização pela literatura**. In: Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar, IX EPCC. 2015, Maringá – PR. Anais Eletrônico.

LAJOLO, M. **A modernidade em Monteiro Lobato**. In: ZILBERMAN, R. Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 41 - 49.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Globo, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 7. Ed., 2005, 24 p., il. color: Claudius, Coleção Barquinho de Papel. Nossas vozes, nosso chão: antologia poética comentada/ Rosana Rodrigues da Silva e Marta Helena Cocco, (orgs).—Cuiabá, MT: Carliani&Caniato, 2011.

ROMÃO, Jeruse. **História da Educação do Negro e outras histórias/Organização: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

SOUZA, Roberto Acízelo. **As histórias literárias portuguesas e a emancipação da literatura do Brasil**. SCRIPTA. Belo Horizonte, v.10, n.19, p.131-144, 2 sem. 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura literária e outras leituras. In: Leitura-práticas, impressos, letramentos**. (Org.) BATISTA, Antônio Augusto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.